

Um novo caminho para o Chile: a experiência do Governo Allende

A new way to Chile: the experience of the Allende government

Elisa de Campos Borges*

Resumen

O estudo das experiências de atuação política dos trabalhadores chilenos tem sido essencial para a compreensão da constituição de uma classe que desempenhou importante papel na história chilena. Com este *paper*, estamos iniciando um estudo sobre a participação dos trabalhadores de diversas fábricas nos Cordones Industriales, a partir da crise de outubro de 1972

Palabras Clave: Cordones industriales, Vía chilena, Gobierno popular, Movimientos sociais

The study of the experiences of Chilean political activities of employees has been essential to understanding the formation of a class that has played important role in Chilean history. With this paper, we are initiating a study on the participation of workers from various factories in Cordones Industriales, from the crisis of October 1972

Keywords: Cordones industriales, Vía chilena, popular government, Social Movements

Em 1970, Salvador Allende venceu a eleição presidencial apresentando um projeto único na América Latina: abrir caminho ao socialismo por meio de mudanças profundas no regime econômico, político e social do país, sem revolução armada. Era a chamada “via chilena ao socialismo”. Das diversas experiências inovadoras possibilitadas durante o governo Salvador Allende, talvez uma das mais relevantes seja a participação dos trabalhadores no processo político. Não é por acaso que desde o início do seu governo, o *compañero presidente* conclamava os trabalhadores para serem os protagonistas daquele processo, e, os incorporou na política do Estado, principalmente pela participação em organismos criados nos locais de trabalho, como por exemplo, os conselhos diretivos e os comitês de produção.

Os fatores que geraram a crise de outubro e que intensificou a criação de vários Cordones Industriales estavam presentes no período anterior ao “paro patronal”, através das ações coordenadas da direita com apoio da classe média e também do governo norte americano. Era

* La autora es Doutoranda do Programa de Pós-Graduação de História Social da Universidade Federal Fluminense (PPGH-UFF/Rio de Janeiro/Brasil), sob orientação do Professor Dr. Norberto Osvaldo Ferreras.

uma crise política, econômica, social e ideológica que atingia grandes proporções. A crise de 1972 foi então, a radicalização desses processos e se caracterizou pela evidência de sujeitos sociais e de movimentos de base de diversas matrizes. No campo da direita, destaca-se o desenvolvimento dos *gremios e colegios profesionales* e de movimentos cívicos contra o governo da Unidade Popular (UP). No campo da esquerda, os movimentos sociais urbanos que defendiam uma dinâmica de democracia direta e ficaram conhecidos como Cordones Industriales, Comando de Coordinación e, posteriormente, os Comandos Comunales.¹ A crise de outubro significou também o distanciamento entre a UP e setores da classe média. Como afirma Moulian², esse processo da greve de 1972 não pode ser explicado apenas a partir de uma interpretação conspirativa, mas de um processo de deteriorização real das classes médias.

Durante a crise de outubro, o governo adotou uma série de medidas para amenizar os efeitos da greve e convocou em conjunto com a CUT, trabalhadores e partidários da UP para se organizarem nas tarefas vitais afetadas pelo movimento grevista, foi a chamada Batalha da Produção. É neste contexto que passa a existir os Cordones Industriales, os Coordenadores Comunales e outras organizações de base que assumem o controle e a continuidade do processo produtivo, transporte e distribuição de bens de consumo para a população. Segundo Franck Gaudichau³, estas coordenações de trabalhadores de caráter horizontal respondem em massa contra o boicote patronal com diversas ocupações de fábricas em conjunto com a atuação dos trabalhadores da Área de Propriedade Social (APS).

O primeiro Cordón Industrial a se organizar, precede a data do “paro de octubre”, ocorrendo no final de junho de 1972, em uma área de grande concentração industrial que unia Cerrillos com a Comuna de Maipú, e, por isso, tinha uma grande tradição sindical e de mobilizações. Segundo dados apresentados por Eder Sader⁴, em 1972, 9% do total de greves realizadas em Santiago ocorreram em Cerrillos-Maipú. Este dado aumenta para 40% se contabilizarmos as greves do setor industrial. Em junho de 1972, iniciou-se uma greve em algumas empresas, como a Perlak, Polycron e El Mono, onde os trabalhadores exigiam do governo que as tornassem área de propriedade social. Em 22 de junho, os trabalhadores que estavam no conflito, reuniram-se para discutir as reivindicações e estratégia única para o movimento. Em 27 de junho, eles resolveram, então, constituir o “Comando de Coordinación de Lucha de los Trabajadores del Cordón Industrial Cerrillos-Maipú”. Este foi o embrião do Cordón Cerrillos, que começou a organizar canais de solidariedade entre os trabalhadores das indústrias e os moradores da comuna. Em 12 de julho, o Comando Coordenador del Cordón Cerrillos-Maipú organizou uma passeata no centro de Santiago com objetivo de demonstrar sua oposição às instituições que impediam, principalmente, o processo de ampliação da Área Social da Economia. Esse ato reuniu por volta de cinco mil participantes, dentre eles camponeses,

¹ TRANCOSO, Hugo Cancino. *Chile: La problemática del Poder Popular en el Proceso de la vía chilena al socialismo – 1970-1973*. Ed. AARHUS, University Press, 1988.

² MOULIAN, Tomas. *Fracturas*. De Pedro Aguirre Cerda a Salvador Allende 1938-1973. Santiago: LOM, 2006, p.258-259.

³ GAUDICHAUD, Franck. *Poder Popular y Cordones Industriales. Testemonios sobre el movimiento popular urbano, 1970-1973*. Santiago: LOM, 2004.

⁴ SADER, Eder. *Cordon Cerrillos et Povoir Proletaire au Chili em 1972*. IN: *Les temps Modernes*, n. 347, junio, 1975.

moradores, trabalhadores e operários da região de Cerrillos-Maipú. Mas, somente a partir da crise de outubro que se multiplicou esse tipo de experiência, tornando-se referência da chamada “democracia de massas”⁵. Ela foi experimentada por trabalhadores durante as discussões e decisões tomadas coletivamente nas ações que seriam implementadas pelos Cordones.

Os estudos das relações de classe precisam encontrar-se inseridas no contexto histórico da sociedade em questão, para que sejam percebidas subjetividades e características próprias desenvolvidas ao longo da história das sociedades. Neste sentido, Hobsbawm⁶ alerta para a importância de uma análise da combinação de elementos que possa ajudar, não apenas na descrição ou quantificação dos fatos, mas na junção de elementos que indiquem a essência do objeto estudado, seja ele econômico, social, cultural, político, etc.

O autor ainda afirma que todas as classes operárias nacionais tendem a serem heterogêneas e com múltiplas identificações, apesar de que, em determinadas épocas e para determinados fins, algumas dessas identificações possam sobressair. Assim, fazendo uma analogia com o caso dos Cordones Industriales, as relações de classe dentro de cada fábrica que compunha os Cordones tinham características comuns dadas pelas relações de produção. Era comum entre os trabalhadores o sentimento de exploração e a precariedade de suas condições de vida, mas, também, existiam particularidades que precisam ser consideradas. Assim, seria relevante no estudo dos Cordones também nos atermos a essas diferenças para não atribuir a este movimento uma uniformidade inexistente.

Dessa forma, entendemos que o estudo dos trabalhadores que participaram dos Cordones Industriales precisa partir do que E.P. Thompson⁷ chamou de experiência de classe, ou seja, da trajetória comum desses sujeitos, marcada por fenômenos históricos construídos ao longo dos acontecimentos das relações humanas.

O conceito de experiência utilizada pelo autor é, então, a resultante do estudo do ser social e da consciência social. Assim, a classe só pode ser entendida como uma formação social, econômica e cultural desenvolvida historicamente, abandonando o conceito estático de descrição do “ser social” e não se concentrando apenas nas normas ou estruturas. O cotidiano da classe inserido numa sociedade e num contexto é fundamental para o seu estudo, assim como considerar as normas, a cultura, os costumes etc.

Mas segundo Thompson, a “*classe acontece quando alguns homens, como resultado de experiências comuns (herdadas ou partilhadas), sentem e articulam a identidade de seus interesses entre si, e contra outros homens cujos interesses diferem (e geralmente se opõem) dos seus*”⁸. Portanto, a experiência de classe tem grande influência e pode ser quase determinada pelas relações de produção, enquanto a esfera

⁵ MOULIAN, op.cit., p.268.

⁶ HOBBSAWM, Eric. História Operária e Ideologia. IN: *Mundos do Trabalho. Novos Estudos sobre a História Operária*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

⁷ THOMPSON, E.P. *A formação da Classe Operária Inglesa I – A árvore da liberdade*. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 2004.

⁸ Ibid., op.cit., p.10.

subjetiva é tratada em termos culturais. Entretanto, é importante ressaltarmos que a classe nunca está pronta ou adquire uma feição definitiva, pois, ela é um processo histórico não acabado.⁹

Assim, no caso dos Cordones, o local de trabalho (entendendo ele em sua complexidade desenvolvido a partir do processo produtivo e de seus desdobramentos históricos), é o principal fator que possibilitou o agrupamento daqueles trabalhadores que participaram do movimento de outubro. Mas existem outros relevantes como: a conjuntura política vivida na época que concretizava a probabilidade de mudança social, econômica e política no Chile; a radicalização da burguesia contra o governo; o apoio, mesmo que crítico, ao processo que se estava vivenciando no país. Apesar das divergências com o governo, os trabalhadores dessas indústrias sabiam da necessidade de continuidade do governo Allende para seguir acreditando na possibilidade de possíveis mudanças estruturais no país. Moulian¹⁰ ressalta que, neste período especial, os dominados, ou como os conceitua, os subalternos, sentiam-se sujeitos históricos. Os trabalhadores de poucos recursos participavam da gestão da fábrica, falavam nas assembléias de igual para igual em relação aos dirigentes sindicais e assumiram em seus discursos identidade de classe e consciência do papel de cada trabalhador naquele processo. Era um momento de intensa luta de classes e, para a classe trabalhadora, sua unidade poderia significar a instalação de uma democracia de fato, não representativa apenas em termos políticos, mas capaz de abranger também o aspecto material e cultural. Diante dessas questões, podemos afirmar que a classe trabalhadora neste processo tinha consciência de si.

Por tudo isso, a formação dos Cordones Industriales não pode ser explicada apenas como uma resposta de movimentos e partidos à atuação de setores contrários à linha política da Unidade Popular ou, posteriormente, apenas como expressão de construção do Poder Popular. Ela necessita ser explicada a partir das experiências do movimento operário e popular chileno.

Em algumas entrevistas publicadas por Franck Gaudichau, percebemos opiniões e reflexões diferenciadas em relação a este movimento. Sem dúvida, a experiência vivenciada e construída por cada trabalhador que participou daquele processo vai delinear sua percepção atual do que ocorreu num momento de grande radicalização política. Assim, o trecho das entrevistas com os trabalhadores e participantes desse processo esclarece a necessidade de não tratarmos os Cordones como algo uno, mas como constitutivo de experiências particulares e coletivas. Neste sentido, exemplificamos essa questão nos depoimentos a seguir.

Para Mario Olivares¹¹, que era militante do MIR e operário de uma empresa eletrometalúrgica, que fazia parte do Cordón Vicuña Mackenna: “...los cordones tenían una conotación claramente política, del lineamiento político, que era partir de allí ir creando los embriones y los órganos de poder, ir construyendo el poder local. Ese era el fin de nuestra política, y de los sectores de la izquierda, de la UP. Insisto no del PC, sino

⁹ HOBBSAWM, Eric. O fazer-se da classe operária 1870-1914. In: *Mundos do Trabalho*. Novos Estudos sobre a História Operária. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000, p.279.

¹⁰ MOULIAN, op.cit., p.267.

¹¹ GAUDICHAUD, Franck. *Poder Popular y Cordones Industriales*. Santiago: LOM, 2004, pg. 171.

Esta obra de Gaudichaud é composta de uma análise do governo Allende e de entrevistas com participantes dos Cordones e Comandos. As entrevistas estão transcritas, porém sem qualquer tipo de análise ou comparação relacionando os diversos depoimentos.

de los sectores que empiezan a enganchar con esto, básicamente el PS, sectores de MAPU y la Izquierda Cristiana... ellos enganchan con este lineamiento político, pero no veían tan clara esta suerte de embrión de poder popular. Ellos lo veían básicamente como un aparato de poder local, pero en cuanto a no cuestionar al aparato mismo, al aparato del Estado. Por otro lado teníamos la confrontación violenta y sistemática de la reacción con atentados, sabotajes, el problema del desabastecimiento que se empieza a agudizar...”

Juan Alarcon, que era operário, filiado ao PC e sindicalista da empresa SUMAR, relatou que chegou a participar de algumas reuniões dos Cordones: *“Yo asistí personalmente a muy pocas reuniones de los Cordones Industriales. Eso se debió a que me entregue de lleno al trabajo sindical interno. Yo fui llamado por el Comité Textil porque era muy importante que allí hubiera un representante de la empresa en que yo estaba. El partido me pidió que fuera a ayudar allí... Yo me desmatelé además porque vi a gente dirigiendo el debate que no estaba en el terreno en que yo me movía... Pero no era eso lo que más me molestaba, sino que me impacto: era una cosa postiza, tal vez una necesidad importante del proceso revolucionario pero que se estaba llevando a cabo por dirigentes de escritorio, por dirigentes más políticos que gente trabajadora. Por eso mi impresión fue negativa. Fui a una sola reunión y me dije que no estaba para perder el tiempo, así es que no fui más”*¹²

Edmundo Jiles¹³, outro entrevistado, sem filiação partidária, participava da Cooperativa Facol. Perguntado sobre os Cordones: *“...Al principio no se hablaba mucho; o sea, que fue una cosa que se dio de hecho no más sin una reflexión previa, sin una intencionalidad política que la hubiese precedido. Nació un poco así de forma espontánea tratando de dar respuesta a los problemas existentes en ese momento, no más. Después cuando empieza el debate político nosotros invitamos a los distintos partidos políticos de izquierda que componían la UP y la izquierda que no estaba en la UP a conversar con nosotros y la intención nuestra fue tratar de atraerlos y que se dieran cuenta de que ni éramos extremistas ni estábamos en contra de ella UP y lo que queríamos era ganar la batalla de la producción y lo que queríamos era defender los derechos de los trabajadores y todas aquellas acusaciones de las cuales estábamos siendo objeto no tenían que ver con la realidad y que el gobierno debiera sentirse satisfecho de la capacidad de respuesta de nosotros como organización...”*

Nosso último exemplo é do Hernán Ortega¹⁴, militante do PS e Presidente de Cordón Cerrillos e da Coordinadora Provincial de los Cordones Industriales. Sobre os Cordones: *“Yo diría que los Cordones nacen con la intención de establecer, con el gobierno, una alternativa de interlocución con los trabajadores, con los pobladores. El nuevo poder tenía que ser un poder descentralizado, más democrático, por lo tanto requería fortalecer los poderes locales en todo el amplio concepto de la participación a nivel local... Tenía mucho que ver con las formas de participación que eran necesarias para impulsar la política del gobierno de nacionalización de las empresas o recuperar los medios de producción. O sea, a través de los Cordones industriales generábamos formas de participación para la gestión de las empresas en manos del estado... El surgimiento de los Cordones Industriales se ve favorecido cuando el gobierno determina crear las tres áreas de la economía... Y cuando surge el área social, bueno, requiere de un nivel distinto de organización de los trabajadores para poder asumir los nuevos roles a los cuales estaban llamados en la participación de la gestión de esas empresas en esta área social ...”*

¹² GAUDICHAUD, op.cit.,p.,99.

¹³ GAUDICHAUD, op.cit.,p. 253.

¹⁴ Ibid.,op.cit., p.193,

Assim, o objeto aqui estudado é a expressão do acúmulo de forças e de experiência da classe operária e da esquerda chilena, que, desde os movimentos mais espontâneos durante o período de 1890 a 1915 nos *enclaves* mineiros até a fase de sindicalização do movimento, contribuíram na formação social dos trabalhadores chilenos.

Neste sentido, a constituição dos Cordones também se destaca pela constituição econômica do Chile que se relaciona com a concentração econômica e o direito de propriedade. Em 1965, 2% das propriedades englobavam 55,4% da superfície. No setor mineiro, três companhias estrangeiras dominavam a produção de cobre. Em 1963, 3% dos estabelecimentos industriais controlavam 58% do capital de todo o setor. Das 271 sociedades anônimas, os 10 maiores acionistas controlavam pelo menos 50% da propriedade. No setor de comercialização atacadista, 12 firmas distribuidoras controlavam 44% das vendas em 1967.¹⁵

O resultado de tais características econômicas estava refletido na extrema concentração de renda, o que reforçava a manutenção do seguinte círculo: concentração econômica, concentração de propriedade e concentração de renda. Estas questões são importantes porque delinearão historicamente as péssimas condições de trabalho, às quais os operários eram submetidos. Sem direitos, com baixos salários, a organização dessa classe e suas reivindicações eram vislumbradas como possibilidade de melhoria de vida.

Algumas dessas reivindicações históricas foram contempladas pelo governo Allende durante o seu mandato, por meio da adoção de medidas sociais importantes, que se tornaram um marco na história chilena e possibilitaram que os trabalhadores que apoiavam a UP continuassem a vislumbrar o caminho de mudanças. Exemplificamos esta questão com o processo de nacionalização de algumas indústrias, pois, além da criação do setor nacionalizado ou a Área de Propriedade Social que reunia todo setor estatal, possibilitou a participação dos trabalhadores na direção dessas empresas.

Como desdobramento das ações de nacionalização, o governo realizou um acordo com a CUT, que visava estabelecer as normas de participação dos trabalhadores na área social da economia e criava os seguintes órgãos: a) Assembléia de trabalhadores da empresa; b) Assembléia das unidades produtivas (sessão departamento); c) Comitê de produção das unidades produtivas; d) Comitê coordenador de trabalhadores da empresa; e) Conselho de Administração. Para a Unidade Popular, este era o início do processo que levaria os trabalhadores ao controle da produção do país, e, para os trabalhadores era o início de um processo que poderia canalizar suas reivindicações históricas em mudanças concretas. Entretanto, na prática esse esquema não funcionou de forma regular na área social causando frustração nos trabalhadores e na própria CUT. Esta por sua vez, convocou uma conferência nacional para outubro de 1973, que não chegou a acontecer em função do golpe militar, para discutir as formas de participação nas empresas.

A organização dos Cordones Industriales também se destaca como uma construção inovadora em relação ao movimento sindical chileno que esteve relacionado com a atuação dos partidos

¹⁵ BITTAR, Sergio. *Transição, Socialismo e Democracia. Chile com Allende*. São Paulo: Paz e Terra, 1989.

políticos desde a década de 20 e, principalmente, depois da fundação da CUT, em 1953¹⁶. A correlação de forças entre o operariado chileno estava ligada à interação entre os partidos e a prática das massas, que era determinada pelos diferentes níveis da luta de classes. A política do movimento dos trabalhadores chilenos foi sempre original e diferenciada pela sua unidade de ação e organização¹⁷. Segundo Hugo Trancoso¹⁸, a atuação popular na crise de outubro se manifestou em dois níveis: no institucional, através da CUT, que impulsionou a participação dos trabalhadores por meio de ministérios e organismos governamentais; e no nível extra-institucional, ou seja, a margem dos organismos sindicais ou de canais do governo, o que gerou novas organizações de base que se articularam e programaram atividades das distintas áreas do movimento operário. Os participantes deste movimento demonstraram na prática a autonomização do marco sindical tradicional e do Estado, entretanto, não propunham a criação de um poder paralelo ao governo, mas sim o aprofundamento das mudanças com ações mais radicais por parte do governo. Segundo Patricio Guzman¹⁹, quando havia conflitos em empresas, principalmente as de pequeno porte, os trabalhadores se apresentavam ao Cordon no qual pertencia, para receber solidariedade, ajuda e respaldo nas negociações com os patrões. É depois de outubro que o lema Criar Poder Popular torna-se cada vez mais intenso.

A criação dos Cordones também significou certa crise dos organismos de mediação e direção sindical historicamente desenvolvida no Chile, a partir da sua relação com partidos e com a CUT. Mesmo que as mobilizações dos Cordones não se colocassem contrárias ao governo, os trabalhadores em bases próprias superavam as formas tradicionais de estruturação e atuação do movimento sindical. Isso se dá principalmente quando conseguem unir setores assalariados de diversas áreas de produção, unificando sindicatos, trabalhadores e superando as deficiências de estruturação territorial da CUT²⁰. Assim, os trabalhadores identificavam os Cordones com uma estrutura mais flexível do que as estruturas sindicais. Lembremos os setores mais radicalizados do Partido Socialista²¹ eram os principais impulsores dos Cordones, enquanto o MIR jogava maior papel nos Comandos Comunales. Mas tanto socialistas, como miristas passaram a se desentender após a greve de outubro devido a não congruência de opiniões sobre o que deveria ser o chamado Poder Popular, o papel dos Cordones dentro dele, sua relação com os organismos de base do governo e com o movimento sindical organizado.

Allende e Partido Comunista criticavam a atuação dos Cordones por analisar que naquele momento político concreto, as ações de ocupação de fábricas enfraqueceriam as posições do governo que buscavam o diálogo com setores da burguesia chilena. Afirmavam ainda, que eles não poderiam ser concebidos e orientados em oposição ao governo e à sua política, assim como, não poderiam se constituir em detrimento da substituição de outras organizações chilenas como as Juntas de Vecinos, os Centros de Madres, os Sindicatos. As atuações deveriam ser conjuntas. Allende chegou a dizer: *“Consolidar el poder popular equivale a volver más*

¹⁶ PIZARRO, Crisostomo. *La Huelga Obrera en Chile. 1980-1970*. Ed. Sur, 1986.

¹⁷ CASTELLS, Manuel. *La lucha de clases en Chile*. Argentina: Siglo XXI, 1974.

¹⁸ TRANCOSO, op.cit., pg. 229.

¹⁹ GUZMAN, Patricio. *A batalha do Chile III – O Poder Popular*. Vídeo –vfilmes.

²⁰ Esta discussão não será aprofundada neste artigo e está presente nos livros de Gaudichaud e de Cancino.

²¹ O Partido Socialista aprovou em seu congresso em Chillán no ano de 1967 que a luta revolucionária armada constituía na linha revolucionária fundamental na América Latina.

potentes los sindicatos, volviéndolos conscientes de que constituyen uno de los pilares fundamentales del gobierno.”²² Havia portanto, uma disputa pelo controle e representação do movimento de trabalhadores no Chile, historicamente hegemônico pelos comunistas e, desafiado pelos Cordones.

Assim, para o PC, os Cordones deveriam se integrar à CUT como organizações de base, e, portanto, todo sistema de representação dos trabalhadores na área de produção deveria passar pelos sindicatos e pela Central Única dos Trabalhadores. O desenvolvimento dos Cordones e a adoção de um discurso mais radical também questionavam a visão da “revolução chilena” postulada pelo PC, ou seja, era a disputa entre o gradualismo e o rupturismo.

Dessa forma, o debate sobre a participação dos trabalhadores no processo do governo da UP e da formação do Poder Popular, sem dúvida, fazia parte das concepções que cada partido e cada movimento social organizado postulava. É interessante notar que neste período da formação dos Cordones foi um dos momentos em que a esquerda mais se dividiu e se atacou. Foi neste ano também que aconteceu a Assembléia do Povo, em Concepción, onde o PS, o MIR e o MAPU aprovaram um documento criticando principalmente a política de conciliação de classe. Essa Assembléia teceu duras críticas ao governo e, em especial, à Allende e ao PC. As divergências entre os rumos do governo dentro da UP eram visíveis, fragilizando todo o processo da “via chilena”.

Bibliografia:

- ALTAMIRANO, Carlos. *Dialética de uma Derrota. Chile 1970-1973*. São Paulo: Brasiliense, 1979.
- ANDERSON, Perry. *Las ideas y la acción política en el cambio histórico*. EN: *La teoría marxista hoy. Problemas y Perspectivas*. Buenos Aires: Clacso, 2006.
- ANGELL, Alan. *Partidos políticos y movimiento obrero en Chile*. México: Era, 1974.
- BITTAR, Sérgio. *Transição, Socialismo e Democracia. Chile com Allende*. São Paulo: Paz e Terra, 1989.
- BORGES, Elisa. *O projeto da via chilena ao socialismo do Partido Comunista Chileno: “Nem revisionismo, nem evolucionismo, nem reformismo, nem cópias mecânicas.”* Dissertação de mestrado, PUC-SP, 2005.
- CASTELLS, Manuel. *La lucha de clases en Chile*. Argentina: Siglo XXI, 1974.
- CORVALAN LEPEZ, Luis. *Camino de Victoria*. Santiago de Chile, 1971.
- CORVALAN MARQUEZ, Luis. *Del anticapitalismo al neoliberalismo en Chile*. Santiago: Sudamericana, 2001.
- DEBRAY, Régis. *Conversación con Allende*. México: Siglo XXI, 1973.

²² Ibid., pg.219.

- GAUDICHAUD, Franck. *Poder Popular y Cordones Industriales. Testemonios sobre el movimiento popular urbano, 1970-1973*. Santiago: LOM, 2004.
- GODOY, Hernán. *Estructura social de Chile*. Chile: Universitaria, 1971.
- HARNECKER, Marta. *Los Comandos Comunales y el problema del poder* – Chile Hoy, n. 26. Santiago, 14 de dezembro de 1972.
- HOBSBAWM, Eric. *Sobre a História*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p.83-105.
- _____. *Mundos do Trabalho. Novos Estudos sobre a História Operária*. São Paulo: Paz e Terra, 2005, p.20-52.
- _____. *Marxismo e História Social*. México: Universidad Autónoma de Puebla, 1983.
- LEIVA, Sebastián. *El MIR y los Comandos Comunales: poder popular y unificación de la movilización social*, Sitio cyberhumanitatis.uchile.cl, 2003.
- LUNA, Eva. Allende y Castro: Uma entrevista para la História da América Latina. EN: *Estudios y materiales para la Historia de América Latina 1995-1990*. Valencia: Universitat de Valencia, 1998.
- MANZANO, Liliana. ZEISS, Sebastián. *Presentación del tema los movimientos sociales*. IN: Unidad Popular 30 años después. Santiago: LOM, 2003, pg. 157-159.
- MIRANDA, Nicolás. *Los Cordones industriales, la revolución chilena y el Frente Populismo*. www.clasecontraclase.cl.
- MOULIAN, Tomás. *Fracturas. De Pedro Aguirre Cerda a Salvador Allende 1938-1973*. Santiago: Lom, 2006.
- PIZZARO, Crisóstomo. *La huelga obrera en Chile. 1890-1970*. Santiago: Ed. Sur, 1986.
- QUIROGA, Patricio (org.). *Salvador Allende: Obras Escogidas 1970-1973*. Santiago: Crítica, 1989.
- RIQUELME, Helia Henríquez. *El movimiento de Trabajadores*. IN: Unidad Popular 30 años después. Santiago: LOM, 2003, páginas. 189-208.
- RUDÉ, George. *Ideología e protesto popular*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1980.
- SAMIEGO, Augusto. *Octubre al rojo : fulgor y agonía de « la unidad de los Trabajadores*. IN: Contribuciones Científicas y Tecnológicas, área Ciências Sociais, n. 130, abril 2002.
- SAMUEL, Raphael (Ed.) *Historia Popular e Teoria Socialista*. Barcelona: Crítica, 1984.
- SADER, Eder. *Cordón Cerrillos et Povoír Preletaire au Chili en 1972*. IN: Les temps Modernes, n. 347, junio, 1975.
- THOMPSON, E.P. *A formação da Classe Operária Inglesa I – A árvore da Liberdade*. São Paulo, Paz e Terra, 2004.
- TRANCOSO, Hugo Cancino. *Chile: la problemática del Poder Popula en el proceso de la via chilena al socialismo – 1970-1973*. Ed. AARHUS, University Press, 1988
- VALLEJOS, Rolando. *La tarea de las tareas: luchar, unir, vencer. Tradición y renovacion em el Partido Comunista de Chile (1965-1990)*. Tesis doctoral, Santiago: 2007.
- VARGAS, Ivan Ljubic. *Breve História Del Partido Comunista de Chile*. Série Comissão Regional Metropolitana de Educacion.s/data.
- VILAR, Pierre História Marxista, História em Construção EN: Le Goff, Jacques e Nora, Pierre (Orgs.) *História: Novos Problemas*, Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.

Elisa de Campos Borges
Um novo para o Chile: experiência do governo Allende

Revista iZQUIERDAS

Año 2, Número 3

ISSN 0718-5049

Aceptado: 16 diciembre de 2008